

---

# A PEDAGOGIA DO OPRIMIDO

## As minhas memórias de Paulo Freire

---

Raúl Iturra \*

---

*Neste texto, à medida que relato o trabalho que desenvolvi com Paulo Freire no Chile, vou apresentando a sua teoria que escutei, que aprendi com ele e que utilizei no meu trabalho com os «inquilinos» ou os trabalhadores rurais do Vale Central do Chile. O título do meu trabalho tenta contextualizar a opressão experimentada por Freire no exílio, opressão essa que mais tarde eu próprio experimentei e que é um objecto central do meu estudo*

### 1. Uma noite<sup>1</sup>

Eramos um grupo de sete ou oito pessoas

Era de noite e os camponeses tinham de sair de casa e vir para a sala de aulas

Eramos sete ou oito, seis deles calados de olhar tranquilo sobre a mesa

Inquilinos<sup>2</sup> chilenos, picunche<sup>3</sup>, huillinche, ou com uma certa ascendência ibérica. Tinham as mãos no colo, os chapéus na cabeça e uma manta (poncho) sobre o corpo

---

\* Professor Catedrático de Antropologia Social e de Antropologia da Educação Social e de Ciências da Educação

<sup>1</sup> Revisão do texto português por Irene Cortesão Costa

<sup>2</sup> Jornaleiro nativo pago com terra

<sup>3</sup> Designação do clã nativo Rauco ou Araucano (para os castelhanos) que em mapudungum (língua mapuche) significa gente do Norte

Então eu perguntei: «Os vossos filhos vão à escola?», e eles, olhos fixos na mesa, responderam com um «Sim» monossilábico. Era difícil falar, difícil conversar. E eu perguntei então: «A qual?» e eles responderam: «À do fundo».

Silêncio

E eu perguntei: «E os filhos do patrão, também vão?». Eles reagiram vivamente: «Não, não, nem pensar! Eles vão a um colégio bom, lá longe, em Santiago. Lá onde nem castelhano falam!».

Isto foi dito com orgulho e brilho nos olhos.

Eu insisti: «Mas, de certeza, os vossos filhos também aprendem outras línguas».

«Não, os nossos filhos não, são muito burros», responderam dois com raiva.

«Burros?», perguntei. Então um respondeu: «Feitos por nós! E para quê?»

«Para que saibam trabalhar, pois», diz o mais calado, ao qual eu dirijo a provocação: «Burro como o senhor que nem sabe castelhano...», digo. Ele responde: «Os meus pais não me tinham deixado ir à escola, tive que ir trabalhar com eles». «E para eles», acrescento. «Porque havia que trabalhar para o patrão, sim senhor», diz-me com energia. «Não sabe que se não dessemos ao pai o nosso tempo para trabalhar nas terras do senhor, o pai, a mãe e nós íamos para a rua?»

«Ir para a rua, ir para a rua, ser despedido?», pergunto, e todos dizem: «Pois!».

«Então o patrão é má pessoa!», escapa-se da minha boca.

«Não, ele até dava prendas para as nossas mulheres, e pão às sextas-feiras».

«Prendas e pão, de presente?»

«Sim».

«De presente», sublinho.

Silêncio. Calam-se. Pensam. Calo-me também.

Silêncio.

Pego no giz, escrevo: «O patrão é bom». Desenho uma figura de homem com uma auréola na cabeça e digo «o São Patrão», e todos riem às gargalhadas quando eu reitero a santidade do homem.

Esse homem que ia «para as "Uropas" todos os anos» lá onde «eu nunca tinha colocado os pés», como concluem depois de duas horas de compararmos a vida deles com a do proprietário do latifúndio, o «patrão, dono do fundo».

E assim, pela noite dentro, até irem tomando consciência de como foram usados e abusados. Um ressonar diz-me que um já dorme, e fechamos a sessão.

## 2. As noites

Estes eram os conceitos-chave da epistemologia rural, discutidos nas sessões de debate: trabalho, salário, lei, viagens, lazer, filhos, escola, aviões, família, entre outros. Genealogia deles próprios e do proprietário; contexto em que viviam e o do proprietário; descanso deles, e o do proprietário; sindicato; direitos; cadeia; polícia; Deus; ordem; disciplina; igualdade; a lei do mais forte e a estratégia do mais fraco; o medo e a liberdade; tecnologia; animais e como os curar; como fugir da maquinaria que bate e parte os ossos.

Método comparativo, na observação participante do convívio quotidiano nas casas deles, de noite a noite, em períodos prolongados de convívio.

Método relativo, quer para eles entenderem quer para eu entender. Relativização do sentir mais forte, o etnocentrismo, esse nosso ideal, que não nos permite a comunicação hierarquicamente organizada.

E as noites. E as noites que permitiam essas sessões de debate e transferência de entender o real contextualizado de cada um, desses compatriotas separados pela História da formação do seu estrato social.

Essas noites, quando reuníamos sob árvores do mato, com os homens das mulheres com quem eu falava durante o dia, enquanto andava e andava pelos caminhos rurais. Essas mulheres que davam chá e perguntavam a vida.

Os homens apareciam quando ninguém os podia ver, chapéu sobre a cara, lenços para disfarçar o queixo.

O medo à divindade da lei policial do patrão, à divindade que a pessoa do patrão representava: proprietário de terras e pessoas.

Essa frase, que tanto ouvi durante meses de trabalho de campo, proibia que se identificassem uns aos outros. Nem falavam, porque «sabe-se lá se o senhor, ou qualquer um, não vai contar isto ao patrão, depois, “pui inhor”», disse-me uma vez um em sua casa.

Eu, inexperiente, percebi que eles não sabiam que tinham direito à terra, que podiam denunciar o patrão e ficar com as quintas do latifúndio, serem co-

proprietários e acabarem com o grande poder absolutista fundado e instituído pela invasão ibérica do século XVI

Eu, inexperiente pela minha idade e pela cultura de classe que cresceu comigo, também não sabia.

Eles, inexperientes em pensar que podiam agir e avançar para a exploração conjunta da terra própria. Inexperientes no conhecimento da lei que permitia essa mudança. Inexperientes da mudança e temerosos da punição divina e terrena, calavam.

Inspirado, levo a passear pela zona o Bispo, meu amigo, sem mitra, anel ou báculo, de preto ou de roxo. Levei também os padres para dizerem missa às pessoas, no meio delas e na sua língua natal, sem usarem latim, a língua Romana Universal.

Inspirados, agimos durante horas, pela mão de Paulo Freire, as suas ideias e gestos, procurando uma alternativa possível para hábitos históricos cristalizados no tempo, pelo tempo, estruturados no ideal das culturas rural e urbana.

Primeiro foram as noites dos anos 60, depois da época de Sua Excelência, o Presidente da República Dr. Salvador Allende. Inquilinos, camponeses, quer huilliche, ou picunche, ou mapuche, ou mestizo, quer chilenos geneticamente misturados, ou chilenos com um certo ancestral ibérico, nenhum deles conseguia perceber que tinha poder político.

A rigidez cultural da História não o permitia, para o nosso desespero, feito serenidade no relativismo cultural do trabalho de campo.

### 3. Os conceitos

Paulo costumava insistir que deviam ser usados os conceitos das pessoas. Não os das teorias das ciências.

Nós, os seus etnocêntricos discípulos, não conseguíamos compreender que o camponês, ou o membro de um bairro de lata, ou do Sindicato de alguma indústria fosse capaz de ter teoria.

A teoria era fruto da experiência.

Qual era então a teoria dos inquilinos? «A vida», dizia Paulo, «a vida é a experiência». E é da vida que são retirados os conceitos, no convívio com as

peessoas: no ver, ouvir e calar, até saber bem o que se fala e o conteúdo da conversa. Esse conteúdo da conversa é o que se deve debater.

A literacia de hoje, a antiga alfabetização na qual tantos trabalhamos no mundo todo, consiste em fornecer às pessoas os textos que manipulam no seu quotidiano. A literacia não é o ler e o escrever do alfabeto. Alfabetizar é deixar esclarecido – consciente –, na mente popular, o que a mente popular fala quotidianamente, sem dar por isso. A oralidade debatida é a melhor aprendizagem para a acção.

De todas as frases do Paulo até agora invocadas no texto, esta foi a melhor, a mais pedagógica para nós, para os alfabetizados do mundo. Acção é entender o funcionamento da terra, que é vista e trabalhada pelo costume, mais do que pelo hábito de debater.

O hábito foi durante séculos fazer sem debater, fazer por ver, e o que não se explica não fica consciente.

O debate forma a consciência.

Infelizmente essa consciência não está em vós, acrescentava o Paulo, nem no método teórico. E isto, por causa da forma pela qual os vossos pais e os seus amigos vos refreiam a espontaneidade e as iniciativas. É o que é preciso aprender para depois relativizar. E o relativismo para vós é ouvir, ver e calar. Nunca ver, ouvir, calar, sentir, pensar, agir – porque o hábito vos trava. A ciência não mobiliza ninguém, não é bandeira de luta, mas, sim, do vosso luto pela perda dos afectos, do luto rural e popular pela perda do saber reprodutivo.

E assim foi que fomos separando o nosso ideário social do popular. O ideário popular não era social, nem podia ter esse luxo de partilhar, capaz de desestabilizar o trabalho caridosamente permitido pelo patrão. Era altamente individual, para poder strategizar comportamentos com novos recursos, a serem usados em silêncio, ou no silêncio dos lares, para ganhar, através de uma maior produção, a favor do senhor. Este era um processo altamente genealógico, da memória do que os pais e os avós tinham, para transmitir outra vez.

Em grande silêncio, aprendíamos a viver com eles, e a fazer uma lista dos temas conscientes nas palavras, e dos não conscientes no agir, para depois debater. Primeiro, com o Paulo e nós; depois, com os grupos que estudávamos. Isto quando eu aprendi que estudá-los era ouvi-los sem comandar. E debater depois de observar, ouvir, calar, sentir, pensar, debater, agir.

#### 4. O debate

Era sempre o resultado da correlação entre a genealogia dos indivíduos e do que tinha acontecido no tempo dos seus antepassados.

Não era suficiente traçar o genograma, escrevendo para cada geração de pessoas os acontecimentos históricos relevantes que formaram o contexto da vida da pessoa ou pessoas conhecidas

Não era suficiente também traçar os genogramas dos proprietários das indústrias ou latifúndios, para fazer comparações de genealogias em genogramas contextualizados, sem os comentar. Porque o comentário do alfabetizador, do investigador, do professor das escolas ou grupos de debates organizados pelo País fora (Paulo no Brasil, na Tanzânia, no Chile; eu no Chile, na Escócia, na França, em Espanha, na Galiza, na Inglaterra e em Portugal especialmente), não era fomentar raiva nem ódio, nem desrespeito por si e pelos outros. Isso era algo impossível de gerar em pessoas que tinham uma hierarquia vincada de emoções e de estratos sociais, amor aos progenitores e amor aos descendentes, emoção que era a metáfora do pão, da roupa, da protecção.

Pão, roupa e segurança que estavam adstritos ao proprietário dos bens pelas próprias pessoas cuja memória individual reproduzia a História ouvida aos avós, que contavam o que os seus avós já tinham dito

Dezenas de anos de factos reproduzidos iguais, sempre com um senhor no poder. Senhor que sabia isolar-se e ignorar a visão e ouvidos do povo. Senhor que era temido, e por isso amado, para que a sua mão não fosse bater nos pobres, que ficavam sem roupa. E dos senhores só era bom falar para os desmistificar, na medida que o debate comparativo mostrava de quem era a vantagem, qual era e de quem era a perda.

Ensinar raiva não só não era possível, mas também não era preciso. Havia já raiva histórica nas pessoas contra si próprias, contra os mais próximos, histórias que não queriam entender. Uma ausência de identidade entre o motivo da raiva e a relação ou interacção que a causava.

Aprendi que só as crianças eram capazes de dizer quem era o culpado da miséria, quando brincavam. E aprendi que a festa, o carnaval, a procissão, o ritual interactivo permitia as pessoas desabafarem e definir o perfil de quem faz de dono, e no que é que faz. Aprendi-o de Paulo, que sempre mo disse.

## 5. As mulheres

Eram as mais espontâneas Falavam sem medir as palavras. O seu estatuto de seres inferiores, assumido cedo na vida, de seres do pecado, do demónio, do mundo e da carne, o facto de serem bruxas, que necessitavam de ser bati-das e mantidas à distância – excepto para procriar sem desejo com a mulher sacramental e para apagar o desejo com a amante e a prostituta – conforme defendia o Concílio de Trento do Século XVI, que tinha escarafunchado nas mentes católicas colonizadoras e colonizadas

Mulheres situadas conjunturalmente numa situação privilegiada para falar mal dos outros, para os mexericos, para as conversas de análise do perfil dos donos, para transferir a informação. Aprendemos cedo que estas eram as pessoas que sabiam quais as mentiras ou verdades, mas este saber vinha-lhes por entenderem contextos observados sempre pelo lado de fora

Mais de mil senhoras andaram nos cursos que, com a metodologia criada, organizámos durante a época em que estive no Chile, no tempo de Allende.

Lá iam elas, às sessões da nossa Escola Camponesa, organizada no *campus* rural da nossa Universidade Católica do Chile; e, orgulhosas de serem universi-tárias, colocavam a tiara académica como uma algema Algema que as fazia falar. Debatíamos com elas o conceito trabalho e o conceito igualdade perante o sexo masculino.

De trabalho, nem queriam dizer, falar porque era muito pesado Quanto aos seres masculinos, eram tontos porque nem reparavam que elas mandavam e eles calavam: a comida era com elas; as crianças criadas por elas; o trabalho a fazer aceite por elas

A vertigem que em 1973 me levou outra vez fora do Chile queimou os meus registos e os quilómetros de fita que, com Blanca Iturra e Nilsa Tapia, as minhas assistentes, fizemos Mas ficou a memória que me permite escrever estas linhas. Essa memória sintetiza-se no dito; e na lembrança das mulheres a dizer: «Oiça lá, Don Raúl, não fale mais, que já nem quero voltar a casa Haja Deus, para que as paredes expludam e tudo venha ao chão!».

E de dois maridos que um dia me disseram: «Então, o senhor é o professor da minha mulher? Mal raio o parta! Antes, era eu a mandar, agora tenho que

consultá-la para tudo». Enquanto o outro acrescentava: «Ainda bem, Don Raúl, já não sou só eu a ter que pensar em tudo».

O Paulo tinha-me ensinado a base; a pesquisa materializou-me as ideias

O terramoto social que o neoliberalismo lançou no Chile a 11 de Setembro de 1973 acabou com a experiência de dois anos. Quer Paulo Freire quer eu tivemos que sair. Fomos deitados fora: ele por ser estrangeiro, eu por ser chileno estrangeirado, conhecedor de ideias, muito graduado, traidor de classe, da minha classe.

Deitado fora pelo Pai, pela junta ditatorial, pelas espingardas que iam fuzilar as ideias que mudam o mundo, ao fuzilarem as pessoas. Conseguimos fugir: Paulo pela Embaixada Sueca; eu pelo grande Pai que tive, Jack Goody, e o meu reformado Bispo Carlos González, esse que ia de preto visitar as populações.

Nasceu-me uma filha, a filha do símbolo da vida renovada, companheira deste continuado exílio.

Mulheres nossas, que tomaram conta de nós

## 6. Os homens

Tímidos Muito tímidos Para esconder a fragilidade usavam três coisas: o silêncio no lar; a bebedeira com os amigos e a procura de outras mulheres não vinculadas a eles pelo ritual, pela lei ou pela maternidade

Até que lhes nascia um filho de outra mulher E passavam a alimentá-lo, com a outra mulher, a legítima, disso consciente. Tímidos

Mas tímidos apenas. Porque cedo estavam já a trabalhar a horta da casa, para depois irem trabalhar a terra dos senhores e a seguir a terra comunitária ou a colectiva como é própria do um inquilino

Ventura tinha por hábito sair de manhã até à noite, a regar, lá em Huilquilemu, no sítio onde ficavam as – agora suas – terras; enquanto Margarida, a sua mulher, preparava a comida do dia e tratava dos animais domésticos

A minha vida com eles ensinou-me a trabalhar conceitos rurais, da forma que o Paulo tinha definido nas nossa conversas



E ensinaram a ler o texto que o quotidiano tecia.

Foi essa amizade que nasceu de morar em casa deles, no Huilquilemu de Talca, Vale Central do Chile, que me fez impedi-los de realizarem os seus planos: fartos de não poderem ter nas suas vidas o uso da tecnologia para o trabalho produtivo das terras, iam, Margarida – guiando o seu homem Ventura – e este, com os outros todos, devolver ao Estado as terras expropriadas ao senhor Sorte tive em saber, entender a desventura dos que viviam como proprietários-produtores e, usando as suas palavras simples, pedir para não irem

Voltaram E eu percebi, com alegria, que tinha aprendido, tinha colaborado desta forma, a não aceitar que uma derrota popular se tornasse pública

O que me esqueci nesse dia foi o que o Paulo tinha dito mil vezes: o poder político está na apreciação do povo e não na estrutura do poder Isto embora o poder tivesse armas e a conjuntura do tempo, inimigos com armas melhores Porque o poder era constituído por ideologias sem experiência dos factos íntimos das consciências pragmáticas do quotidiano Lembrei-me disto e escrevi o artigo – mais um – que a nossa Revista *Chile Hoy*, com a Marta Honnecker, publicou: «A Reforma Agrária, uma medida impossível: a greve dos “conchenchos”<sup>4</sup>».

Os homens tímidos tinham a força para defender os seus interesses

Na prisão, Ventura disse-me: «Isto é assim, porque Deus está zangado por nos revoltarmos contra o patrão, o seu representante», e eu, tímido de medo, pedi para ele calar, indo contra as ideias do Paulo: nunca abdicar de ensinar com os factos Agir

Mas agir sem debate? A conjuntura tinha mudado

Ventura viveu a matar a fome

Eu escrevo hoje, 25 anos depois

Desde os trinta e três anos que sou outro, sem mais raiz do que este texto.

Paulo voltou à sua terra, para o Brasil, e ficou para a História.

Os homens, fracos Somos todos fracos quando há outro que manda

Os meus homens eram fracos antes, durante, depois

Fraqueza, fruto da falta de entender o debate, do peso da cultura, da falta de estrutura política que acompanhe outra frase do Paulo Freire.

<sup>4</sup> Intermediários dos produtos agrícolas

## 7. Um oprimido

Um oprimido que fez pedagogia, como digo no meu comentário mais à frente.

Oprimido, porque esteve exilado duas, ou mais vezes e porque o seu contexto oprimia o seu espírito: uma família toda a sentir saudades da Pátria

Um oprimido que fez pedagogia, entendendo o seu contexto derivado de outro contexto, e compreensão de si próprio e dos outros

A sua metodologia é – viva como está na sua obra – retirar uma palavra central do vocabulário usado no quotidiano, para torná-la explícita na consciência histórica da pessoa e dos seus pares

Uma pedagogia de explicitar o que está consciente, mas sem palavra para entender o que se diz. Tem a ver com a psicanálise, como foi expresso por ele próprio, servindo-se dela como modelo.

Freud tirava dos sonhos e das palavras as reminiscências que tinham ficado guardadas no inconsciente

Freire retirava a palavra e a contextualidade da História e da experiência: a pedagogia de tornar conscientes os factos, que sejam dados para quem os produz

Para esta metodologia, é preciso saber História, Economia, Ciência Política, Antropologia, Ciência da Educação, Sociologia

Como Filósofo e Antropólogo, Freire usou a teoria para construir, junto com a sua equipa, seminários de debate. Debate que ele orientava, enquanto deixava falar os que viviam no campo, observando sem intervir.

Não é só a sua obra em livros a importante. O seu trabalho, observado e participado por tantos de nós, que é o melhor texto que dele li

Paulo Freire tinha a capacidade de virar para dentro da consciência da pessoa a questão que a pessoa colocava

Como se eu perguntasse: «O que é o povo?» e Paulo responderia: «Qual é o povo que tu conheces?». Então eu começaria a hierarquizar experiências alinhadas no seu saber etnocêntrico, e Paulo a desalinhá-las com comparações retiradas da sua própria experiência. Até que o conceito ficava arrumado conforme o saber de quem perguntou

Uma pedagogia do oprimido, aprendida no seu convívio com os habitan-

tes das favelas de São Paulo, Brasil; e da multiplicidade de estudantes de diversas culturas do mundo, que lhe confienciavam as suas emoções juvenis, irracionais

## 8. As ideias

As ideias que exprimo no texto são o mais puro da minha memória

Anos volvidos, não tem sido fácil, para mim, separar Paulo Freire de Meyer Fortes, de Jack Goody, os meus mestres. É deles que eu próprio tenho desenvolvido – a partir dessas pedras – o meu trabalho pessoal. Tanto que nem consigo distinguir o meu trabalho do deles, os meus mestres, esses que moram no altar dos meus ancestrais e que transmito no trabalho com as minhas equipas de diversos sítios do mundo.

O terramoto social de 1973, no País denominado Chile, afastou-nos para sempre

Ficámos a saber um do outro, mas nunca mais tivemos o prazer de nos ver

Faz um ano, enquanto reestudava, 25 anos depois, uma aldeia galega, avisam-me da sua morte

Escrevi um obituário

Era um 1º de Maio de 1997. O dia justo para morrer, esse homem que lutou, epistemologicamente, pelos trabalhadores, para dar ideias aos que lutavam politicamente por eles.

Estranho, mas enquanto escrevo a lembrança do que com ele aprendi, recordo-me da Teologia da Libertação. Essa mesma teologia que aplicámos no Chile de Allende – quando lá estive –, no movimento Cristãos para o Socialismo. E que, retornado à Europa, tenho falado aos cristãos de cá, e que me permitiu trazer as centenas de chilenos que o Primeiro Ministro Britânico dos anos 70 (J. Callaghan) me pedira para inscrever numa lista. Quer Paulo Freire quer eu pertencemos à cultura de amar-se a si próprio para amar o próximo, essa cultura cristã à qual, no Ocidente, todos pertencemos.

Foi daí que Paulo Freire retirou o seu material mais primário, para construir a sua obra teórica, em prol do socialismo.

As ideias estão vivas em nós e em milhares de pessoas que fabricaram o

seu próprio texto mental a partir do «*Silabário para Alfabetizar*», que escreveu no início do seu trabalho, no Brasil dos anos 60

Quantos, hoje em dia, nem sabem o que aprenderam com Paulo Freire, que entrou na História pela porta larga e grande, esgotada por tanta procura de tanta pessoa.

Paulo Freire foi-se embora, esgotado por tanta procura de tanta pessoa, essa admiração que mata.

Essa admiração que mata para enterrar a semente que floresce Freire, a raiz além do conceito latino de Liberdade que o fez trabalhar também no Portugal de Abril

Parede, 25 de Abril de 1998

*Correspondência Raúl Iturra, Instituto Superior de Ciências e do Trabalho e da Empresa, Avenida das Forças Armadas, 1600 Lisboa.  
e-mail: LAUTARO@mail telepac pt*

## Bibliografia

- FORTES, Meyer (1938) «Sociological and Psychological Aspects of Education in Ialeland», *África*, vol XI, 4
- FORTES, Meyer (1983) *Oedipus and Job in West African Religion*, Cambridge University Press
- FORTES, Meyer (1987) *Religion, Morality and the Person*, Cambridge University Press
- GOODY, Jack (1997) «Memoire et Apprentissage dans les Sociétés avec et sans Ecriture: La transmission du Bagrè», *L'Homme*, vol XVII (1)
- GOODY, Jack (1980) «Les Chemins du Savoir Oral», *Critique*, vol XXXVI, 394, Paris: Minuit
- ITURRA, Raúl (1973) «El Paro de Los Conchencos», *Chile Hoy*, Santiago do Chile: Centro de Estudios de Agricultura y Sociedad (CEAS)
- ITURRA, Raúl (1990) *A Construção Social do Insucesso Escolar*, Lisboa, Escher
- ITURRA, Raúl (1996) (Org) *O Saber das Crianças*, Setúbal: ICE
- ITURRA, Raúl (1996) «Gosto de Ti por seres Mulher Ensaio de Antropologia da Educação», in R Iturra (Org) *O Saber das Crianças*, Setúbal: ICE
- ITURRA, Raúl (1997) *O Imaginário das Crianças*, Lisboa: Fim de Século
- ITURRA, Raúl *O Crescimento das Crianças*, Porto: Profedições (no prelo).

E ainda, a obra de Paulo Freire